

Uim quarto



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



NINA FALL

**UM
QUARTO**



dasheditora®

Copyright © Nina Fall, 2015

Proibida a reprodução no todo ou em parte,
por qualquer meio, sem autorização do editor.5
Direitos exclusivos da edição em língua portuguesa no Brasil para:



Silvia Cesar Ribeiro editora e importadora ME.
Rua Rodolfo Troppmair 89 - Paraíso
04001-010 - São Paulo - SP, tel 11 2667 6314
contato@editoradash.com.br
www.editoradash.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

F194

Fall, Nina.

Um quarto. / Nina Fall. – São Paulo: Dash, 2015.

ISBN 978-85-65056-68-7

1. Literatura Brasileira. 2. Conto. 3. Relacionamento. 4. Relações de Gênero. I. Título. II. Mary. III. Ivan.

CDU 821.134.3
CDD B869.3

Catálogo elaborada por Ruth Simão Paulino

Projeto gráfico e diagramação: *Marco Tulio Grandi*
Assistente editorial: *Hellen Cristine Campos dos Reis*

Revisão e preparação: *Probo Poletti*

1ª edição: Maio de 2015

Sumário

Mary

Ivan

MARY

MARY

Abri o olho. Devem ser mais ou menos três horas da manhã. Estava no meio de um sonho gostoso, uma espécie de acampamento com amigos. Levantei e fui direto para o banheiro, como faço quase toda noite.

Tenho uma mente que desperta muito rapidamente.

Às vezes, minha sensação é de que, dez segundos depois de abrir os olhos, estaria literalmente pronta para uma partida de xadrez.

Portanto, quando me levanto de madrugada para fazer xixi, mantenho os olhos fechados e tento me segurar no sonho que estava tendo, me apegando a algum detalhe gostoso. Parto para o banheiro, executo a tarefa com maestria e volto, tudo de olhos fechados para não despertar a mente e poder entrar de volta no sonho.

Na maioria das vezes, consigo. Mas nesse dia fazia um frio absurdo e minha cabeça estava perturbada com o assunto guarda compartilhada - assunto que vinha exigindo tudo de mim. Na impossibilidade de voltar para o mundo da fantasia, a amiga insônia veio deitar comigo.

Antigamente, isso me perturbava muito. Eu entrava na intranquilidade dela e ficávamos as duas pelejando a noite toda, e sem tirar proveito nenhum daquele contato.

Naquela altura da minha vida, porém, eu já conhecia a tal insônia melhor e sabia que ela era capaz de coisas muito mais interessantes do que apenas me tirar o sono e me deixar imprestável no dia seguinte.

Então foi fácil.

Deixei que ela se deitasse ao meu lado.

Sabia que, se eu me acalmasse, ela também se acalmaria.

Aos poucos, ela foi tirando aquela roupa escura e pesada, sua expressão irritada foi dando lugar a outra, mais interessante, as olheiras desapareceram e ela finalmente mergulhou junto comigo em um mundo criativo.

Sim.

A Sra. Insônia é uma mulher criativa.

Muito criativa. Acreditem.

Fechei os olhos, afastei os pensamentos sombrios e procurei em minha mente uma lembrança boa.

Foi fácil.

Naquela tarde, eu havia recebido um email delicioso do meu primeiro amor. Mais um dos vários que recebi ao longo de uma história de 25 anos.

Um e-mail tão intenso que literalmente me arremessou de volta à nossa história e me fez perceber que nenhuma outra relação foi tão importante na minha vida.

Nenhuma deixou tanto carinho, tanto amor.

Mergulhada nessas lembranças, veio a ideia. Por que não escrever um minilivro pra registrar esse amor? Contar a história toda, do começo até hoje – ou, pelo menos, tudo aquilo que minha memória de 43 anos me permitir lembrar?

E, se eu terminar de escrever até o aniversário de 50 anos dele, mando o livro de presente.

Que ideia deliciosa!

Foi assim que acalmei a Insônia e peguei no sono novamente.

No dia seguinte, abri os olhos às 10h.

Perfeita, bem dormida, disposta e cheia de vontade de começar a escrever.

Era só

Jam

Algum dia d abril de 2010.

Acordei, tomei um banho de banheira, hábito que tinha em épocas de frio, preparei meu café, abri o Facebook e lá estava em meu mural, para quem quisesse ver:

Chegando hoje à noite e passando 2 semanas. Visitaaaaa!

A mensagem era do meu primeiro namorado, meu primeiro homem, meu primeiro tudo.

Uau – ele estava chegando. Que delícia!

Escrevi imediatamente no mural algo como:

Você manda. Me passa a lista com horários, locais e eu vou te encontrar.

Passaram-se alguns dias, talvez uns dez, e nenhuma outra notícia.

Então resolvi mandar uma mensagem fechada do tipo:

“E aí Ivan, viestes ou não viestes?”

Rapidamente ele respondeu:

“Fofa! tava na função familiar, meu tio tinha acabado de morrer, fui fazer presença c/ Tia Wanda. Acabamos de voltar de uma fazenda em Botucatu, manda teu celular e te ligo pra combinar visita.

beijos 1000, milhão!”

Mandei o celular e ele ligou logo, falando de uma *jam session* que faria com amigos.

No dia seguinte, mandou e-mail com todas as indicações para o encontro:

Rua tal, travessa da rua x, tem um restaurante y na esquina, passa em frente à padaria z, desce, sobe, desce e sobe e vira à direita. Se tiver dúvida, segue o celular do Fulano (xyxx.yzxy).

Beijão

Ivan

Ah, verdade, quase ia me esquecendo: meu primeiro namorado era músico.

Com olhos pequenos e doces, voz suave e um tom de poesia em tudo o que dizia.

A gente não se via havia três ou quatro anos.

O último encontro tinha sido rápido e pouco letal.

Eu estava recém-separada, com um filhote lindo.

Fazia um bazar no Itaim e ele passou por lá com o filho e a mulher (ops, esqueci de mencionar: Ivan casou, tem um filho e estava morando em Londres).

Eu já não me lembro se foi coincidência ou se eu sabia de antemão que ele viria; mas o fato é que, naquele dia, estava me sentindo especialmente charmosa.

Camiseta branca básica, shortinho jeans e um velho scarpin de boneca, bem bicudo e feminino.

Na verdade, nada muito diferente do que uso sempre: sou uma “véia” quarentona com corpinho esguio de moleca e estilo *rock and roll*.

Foi um encontro rápido.

O sorriso que não saía das nossas bocas às vezes se misturava com uma expressão de curiosidade.

Eu só tinha olhos para ele e para as crianças.

E foram justamente elas que proporcionaram a distração necessária para que nenhuma situação mais profunda acontecesse.

Ele veio. Ele foi.

E deve ter levado a lembrança do sorriso e do charme da “velha” Mary.

E agora, em dois dias, nos encontraríamos de novo.

Tentei, sem muito sucesso, pensar em alguém pra levar junto; não conseguiria ir sozinha. Estava nervosa e ansiosa demais.

Chegou a passar por minha cabeça a ideia de não ir.

Mas no dia, duas horas antes do encontro, por sorte ou por alguma armação do destino safado, uma amiga ligou querendo sair pra papear e tomar umas cervejinhas.

Perfeito.

Me arrumei correndo e saí.

Coloquei uma bermuda jeans, uma regata preta e uma havaiana, aquela produção típica de mulher quando quer dar a sensação de ter vestido qualquer coisa, de não estar nem aí com nada, mas que pensa tudo milimetricamente.

Passei na casa da amiga levando duas latinhas de cerveja.

Quando ela entrou no carro, fiz um breve relato da situação, mas sem dar a dimensão real da importância do encontro pra mim.

Ela topou com entusiasmo.

No caminho, a cabeça e o coração disparados, eu mal conseguia manter os pés no acelerador e no freio. Mas, por sorte, o caminho era desconhecido e exigia total atenção.

Chegamos uma hora depois do horário marcado.

Talvez ele já nem achasse mais que eu ia passar.

Melhor. Assim, pelo menos um de nós estaria mais relaxado e sem grandes expectativas.

Ainda do lado de fora do estúdio, cruzei com o amigo que tinha organizado a *jam* e com o irmão mais velho de Ivan. Ambos me receberam com tanto cuidado e carinho, que isso me ajudou a controlar aquele turbilhão de sensações e expectativas.

O que me perturbava mais não era o encontro com Ivan, mas não saber se a mulher dele iria estar lá ou não.

Não que eu estivesse fantasiando alguma safadeza (embora, é claro, pensar Ivan e Mary era pensar também em safadezas). Mas principalmente porque eu não estava a fim de ter que ser simpática com ela. Óbvio que respeitava a mulher dele. Mas acho que não preciso explicar mais, certo?

Abri a porta do estúdio e...

Dei de cara com a própria.

Ela me recebeu, justamente, com uma simpatia civilizada.

E...

Enquanto a gente se abraçava, olhei por cima do ombro dela e lá estava ele.

Nossa!

Naquele momento, o relógio parou.

Fiquei admirando Ivan, a postos com sua guitarra.

Lindo!

Igual – só um bocadinho mais charmoso por conta da maturidade, sorrindo com o mesmo sorriso doce de sempre e os olhos pequenos brilhando.

Como eu quis, naquela hora, ter um poder mágico para enfeitiçar todo mundo no estúdio, congelar as pessoas, fazê-las dormir, apagar. Tipo aquelas cenas de propaganda em que tudo para e só os protagonistas continuam funcionando. Só para poder beijá-lo, abraçá-lo, me entregar para ele ali mesmo; sem uma única palavra, me jogar no corpo dele, e só depois de nos amarmos muito, estalar os dedos para fazer a cena toda voltar à vida.

Só depois cumprimentaria todo mundo e sentaria para ouvir a *jam*. Ninguém naquele estúdio iria imaginar que, enquanto eles dormiam, a gente tinha se engolido.

Ainda que não tenha conseguido parar o tempo e realizar o feitiço, acredito que em alguma dimensão o encontro foi mais ou menos assim. Nas duas horas em que fiquei sentada, e ele tocando, nossas almas devem ter se agarrado e se amado muito. Sem que ninguém percebesse, nem mesmo nós.

No plano real, a gente se buscava com parcimônia.

Meu desejo era me esquecer nos olhos dele, mas, como nenhum de nós fazia a linha filho da puta, não dava pra ficar 120 minutos se olhando sem parar.

As músicas que embalaram aquela tarde compunham a trilha perfeita para o encontro. Uma das canções – *Every breath you take*, do Police – eu tive certeza de que ele tocou pra mim. Talvez nem tenha sido, mas o fato é que ela foi a trilha ininterrupta do meu dia seguinte.

Ah, baby... Eu estava zoadada, muito zoadada, não queria nunca mais sair de perto de você.

Nem entendi como, mas a *jam* acabou e em pouquíssimos segundos a gente já estava um de frente para o outro, conversando amenidades e sorrindo com um sorriso duplo, que saía da minha boca e que se alongava na boca dele.

A mulher dele parecia aflita; a explicação racional era o fato do filho deles estar na casa de uma das avós com uma babá improvisada. Mas, emocionalmente, eu imaginava que a aflição era outra. E fui eu que acabei verbalizando para o meu primeiro namorado que a mulher dele estava querendo ir embora.

Era o mínimo de respeito sincero que eu devia a ela, por ter encarado aquele encontro com tão sábia simpatia.

Na hora de dizer tchau, eu e ele nos abraçamos.

Fechei os olhos e desejei que estivéssemos nus. Queria sentir a pele, o cheiro dele. O corpo dele no meu.

Não dava para aceitar que não nos veríamos de novo.

Então combinamos de nos encontrar dois dias mais tarde. Seria na minha loja, com o meu filho e o dele.

Naquela noite fui dormir, tentando não deixar nada – nenhuma lembrança, olhar ou acorde – escapar da memória.

No dia seguinte acordei nas nuvens. Leve.

Com 20 anos de novo.

Pensei no encontro marcado.

Seria gostoso reencontrá-lo de qualquer jeito, mas me dei conta de que iríamos ter que usar, de novo, a sábia simpatia.

Eu, ele e a mulher dele.

E ninguém merecia aquilo.

Mandei então um e-mail:

Ivan,

Nem sei se precisa falar algo.

Nem sei se consigo tb.

Então vamos primeiro às coisas mais palpáveis.

Amanhã fique super à vontade pra não vir. Acredito que pro teu filho deve ser muito mais divertido ir a algum programa infantil do que ir conhecer a loja da Mary.

Espero que vc tenha gostado da camiseta (Eu tinha levado uma camiseta de presente para ele na jam, mas estava tão nervosa que acabei entregando para a mulher dele). Devia ter dado nas tuas mãos, mas eu tava muito zoadada.

Puxa! foi muito especial poder estar pertinho mais uma vez, ainda que na corretez.

Se acontecer mesmo de vocês irem à loja, estarei lá com o filhote das 10h ao meio dia. Depois almoço, escola e volto às 14h.

xoxoxo talvez diga mais do que qualquer coisa.

beijos

Mary

PS: mande sempre novas... Um dia apareço por lá.

À noite o telefone tocou. Era ele. Corri pro quarto.

Estava tão nervosa que mal conseguia focar na conversa.

Instruí minha mente para ir respondendo e perguntando.

Fiquei deitada na cama, parecendo uma adolescente. Olhava para o teto, brincando com uma mecha do cabelo, virava de bruços, mexia as pernas alternadamente para cima e para baixo, tudo com o telefone colado na orelha.

Só aos poucos, ouvindo aquela voz tão doce e tão conhecida, fui relaxando.

Quando ele começou a falar do encontro do dia seguinte, percebi que ainda não tinha visto meu e-mail.

Expliquei, então, que havia mandado uma mensagem para ele e que ele não devia se preocupar em passar na loja.

Desligamos como se nos falássemos todo dia.

Assim, tranquilamente, com o mesmo sorriso de boca a boca.

Vinte minutos depois abri o computador e chequei os e-mails. Foi como se eu tivesse pressentido o dedo dele apertando o ENTER no exato momento em que ele me mandava uma resposta.

Mary!

choro grande qdo te vejo

qdo penso em você

qdo vejo q UM QUARTO DE SÉCULO PASSOU!

e ainda tchiamopracaraio!!!!

beijassos,

Ivan

CARALHO !!!

Li, sorri, reli, chorei, reli, reli, reli.

Como a gente podia ter um sentimento daquele depois de 25 anos?

O que fazer com aquele e-mail?

O que ele pretendia com aquele e-mail?

Putá que o pariu!

Ainda hoje é muito difícil para mim raciocinar sobre isso.

Óbvio que eu tinha plena consciência de que amor à distância é muito mais fácil do que amor vivido lado a lado, todo dia.

Mas sabia também que a distância acaba com muitos amores. Assim. Simplesmente.

Será que a gente tinha feito tantas escolhas erradas?

Será que nunca deveríamos ter nos largado?

Para não pitar e continuar pensando leve, que era como eu tocava a minha vida normalmente, resolvi não quebrar muito a cabeça tentando compreender aquele sentimento.

Entendi que aquele amor era um AMOR VERDADEIRO, que ia muito além de um convívio.

Bonito.

Bonito, mas também uma merda.

Naquela hora, o que eu queria mesmo era raptá-lo, fosse onde fosse, para tornar aquele amor o mais carnal possível.

Mas, estranhamente, em momento algum pensei em ligar pra ele.

Durante dois dias fiquei protagonizando, na minha cabeça, vários encontros com ele.

Em todos, o argumento era o mesmo: o encontro de amor mais envolvente e sexual já imaginado por qualquer autor, roteirista ou diretor. Ou o encontro mais comum e óbvio do mundo, mas sempre temperado de uma indecência inocente e deliciosa.

Depois de nos encontrar em algum bar e beber algo, abaixaríamos a guarda e fugiríamos para um quarto de hotel bem simples, antigo, meio escuro.

Pela janela, entraria a luz pisca-pisca de um néon do outro lado da rua e um som gostoso vindo do andar de cima.

Um mundo que seria só nosso, onde todos os elementos da nossa vida diária desapareceriam.

Ainda que fizesse muito tempo que não ficávamos juntos, encontraríamos rápido a nossa linguagem. Nossos corpos sempre souberam dialogar.

A porta de entrada para o encontro seriam nossas bocas.

Beijos longos, lentos e esfomeados.

Tiraríamos a roupa um do outro devagar, revelando nossa pele aos poucos.

No exato momento em que nossos corpos nus se encostassem por completo, ele ficaria dividido entre a vontade de me abraçar mais e o desejo vulcânico de explodir dentro de mim.

Eu? Ficaria totalmente ensopada de desejo no exato instante em que ele tocasse meu prazer.

Para me maltratar um pouco e sentir tudo bem devagarinho, ele daria uma leve paradinha, me olharia bem nos olhos e só então mergulharia dentro de mim, numa velocidade infinitamente lenta, um centímetro por segundo.

Nessa hora os olhos se fechariam para sentir tudo por dentro.

O corpo, o coração, a respiração, nossos ruídos.

Abriríamos os olhos novamente para admirar o desenho de nossos corpos colados, suados e quentes, movendo-se num ritmo só nosso até terminar gozando juntos.

Talvez ele se surpreendesse com o quanto me tornei mais barulhenta e safadinha.

No fim a gente se abraçaria, num misto de alegria e tristeza, conscientes da impossibilidade imposta por nossas vidas paralelas.

Imagino que rolaria um chorinho.

Espírito e corpo dormiriam calmos, abraçados um no outro, banhados pela magia da nossa juventude.

E aí? Muito óbvio?

Não importa, foi assim que imaginei.

Mas talvez por medo, só mandei uma resposta pro e-mail dele quando tive certeza de que ele já estava de volta a Londres.

Coisamaisfofadaminhavida!

UM DIA A GENTE ENCONTRA UM ATALHO.

tb amo você.

te mando todas as manifestações de toque que um coração cheio de amor e um corpinho safado podem desejar... (pode pensar muita besteira que hoje tá liberado)

tua Mary.

Orgulhei-me da réplica. Achei que, em poucas palavras, representava muito bem o que o e-mail dele tinha me causado.

Meu desejo de um dia poder viver aquilo novamente, meu sentimento recíproco de amor – o tal

amor verdadeiro – e uma pitada de safadeza real, bem peculiar da minha pessoa, para sempre deixar um gostinho de quero mais.

Achei que, em breve – breve, no nosso caso, podia ser seis meses – eu receberia por e-mail uma música composta por ele em resposta àquele sentimento todo.

Não sabia por que, mas tinha essa certeza.

No dia seguinte, assim que abri meu computador, estava lá: um e-mail dele sem assunto e sem texto. Apenas um link.

Uau, a música já estava pronta? Incrível!

Cliquei imediatamente no link e nada.

Não abriu.

Cliquei de novo, de novo e de novo.

Joguei o link no Google, clicava em tudo para tentar abrir.

Que droga esses links que não abrem!

Mandei um e-mail pra ele dizendo apenas:

Não abriu. Manda de novo.

Ele respondeu com um e-mail em inglês para toda a lista de contatos dele, contando que um vírus tinha invadido o computador.

VÍRUS!

VÍRUS?

E-mail formal?

Como assim?

Banho de água fria.

Arrancada violentamente do mundo da fantasia, voltei a ter 43 anos de novo.

Nos primeiros dias, talvez até bem mais que 43.

Aos poucos, a rotina apaziguou meu coração e apagou tudo.

Três meses depois, nas férias de julho, fui viajar pra Ubatuba com amigos.

Durante um passeio pela praia, contei a história toda para duas amigas, só para matar o tempo.

As duas ficaram encantadas e estarecidas. Perguntaram em coro:

– *E daíiiiiii?*

– *E daí nada.*

Ele tem a vida dele lá e eu a minha aqui. Pronto. Simples assim.

– *E você não vai fazer mais nada?*

Uma delas me disse:

Life is too short to be wasted.

Life is too short, life is too short...

Com 43 anos, eu já tinha uma boa noção de quanta verdade há nessa frase.

Principalmente no nosso caso, com encontros acontecendo de três em três anos.

Fiquei pensativa.

Mais tarde, fui caminhar sozinha na praia.

Enquanto ouvia o barulho do mar, 25 anos de lembranças começaram a voltar na minha cabeça.

Você é a mulher

Eu tinha exatamente 20 anos quando o conheci.

Era uma noite de sexta-feira e eu estava no centrinho do Guarujá com amigos, esperando outros, quando vi três caras um pouco mais distantes. Um deles ficou olhando, esperando talvez algum sinal meu para se aproximar.

Fiquei na minha, demonstrando aquele mínimo de interesse necessário para deixá-lo à vontade para se aproximar.

Não rolou.

Virei de costas, acendi um cigarro e voltei a conversar com meus amigos.

De repente, alguém bateu levemente nas minhas costas. Era ele.

– Você tem fogo?

Eu tinha e como tinha! Mesmo sem saber ainda nada sobre isso.

Emprestei o meu cigarro pra ele acender o dele e ele foi logo emendando aquele blablabla clássico para puxar assunto:

– Tenho a sensação de que a gente se conhece de algum lugar.

Blablabla ou não, o pior é que era verdade.

Eu sabia de onde era, sabia inclusive o nome dele e que ele era gringo, mas achei divertido não facilitar.

Ele perguntou o que eu fazia ali. Disse que esperava amigos.

Fiz a mesma pergunta.

– Tenho uma banda de rock e estamos aqui há uma semana ensaiando e curtindo a praia.

Eu sabia que eles tinham uma banda. Na época, eu era, de certa maneira, bem inserida no mundo musical. O tecladista da banda dele era irmão do guitarrista de outra banda da qual eu era bem próxima. Eu sabia até o nome da banda dele. Mas, para fazer o assunto continuar, fingi que não sabia e perguntei.

– Como chama a banda?

Assim que ele revelou o nome, expliquei o porquê da sensação de já nos conhecermos de vista.

Fim da charada, ele disse rapidamente:

– *Por que vocês não vêm amanhã assistir o ensaio?*

– *Tá bom. Parece divertido, me passa o endereço.*

Pronto.

O segundo encontro estava garantido e cada um foi pra um lado.

No dia seguinte fui com uma amiga ao ensaio. No caminho, fui fazendo a cabeça dela para ELA ficar com ele.

A gente adorava gringo, na época. E eu, aparentemente achava que já tinha o meu (mas essa é outra história que um dia quem sabe eu conte).

Ou seja: realmente, naquela altura, eu achava que não tinha o menor interesse nele.

Ledo engano.

Os instrumentos no meio da sala e o apartamento administrado só por homens davam um perfeito ar *rock and roll* para o ambiente.

Era a perfeita arapuca do destino para duas meninas de 20 anos que estavam vivendo, como todos da época, o boom do rock brasileiro. Conhecer cantores de bandas era simplesmente TUDO.

Abençoadas pelo destino, ficamos lá a tarde toda, mais a noite e um bom bocado da madrugada.

Entre as músicas, os papos e os drinks, alguma coisa desavisadamente começava a acontecer.

Saímos de lá tão tarde que fizemos uma aposta.

Na manhã seguinte, quem chegasse por último na praia pagava um coco para o outro.

Mais ou menos quatro horas depois, assim que cheguei na praia, dei de cara com ele.

Os olhos dele sorriram pra mim. E eu sorri também.

Feito! Já era.

Senti aquele tremor nas pernas, aquele calafrio quente que percorre todo o corpo, aquela sensação que a gente só tem quando encontra a tal da pessoa especial.

Mas, em vez de ficar insegura, puxei ele pelo braço e disse:

– *Vem, vou te pagar o coco.*

Some a cena.

Volta a cena.

Noite. Na frente do apartamento dele.

Lembro da gente se beijando.

Aquele beijo de adolescente looooooongo, que mais parece um passeio erótico e sensual pela boca um do outro. Encaixou.

Lembro que, num determinado momento, ele parou tudo e disse com a maior certeza:

– *VOCÊ É A MULHER DA MINHA VIDA!*

Uau!

Como assim?

Nunca ninguém tinha me dito uma coisa daquelas, muito menos me chamado de mulher. Eu ainda era uma menina. Literalmente, VIRGEM.

Eu sorri.

Ou melhor, acho que abri o mais escancarado sorriso que nunca eu havia dado na vida.

Um pouco pela felicidade e o prazer de ouvir aquilo, um pouco pela graça da antítese entre a “mulher” dele e a minha virgem.

Lembro também que ele pegou uma das duas pulseiras de borracha preta que usava no braço e me deu. Uma espécie de aliança que guardei por muito tempo, até o dia em que ela se rompeu.

Fim do fim de semana.

Dia seguinte/ São Paulo/ Segunda-feira

Ele foi me visitar. Sem a menor enrolação, contei para ele que eu era virgem.

Contei rapidamente pois sabia que em muito pouco tempo eu já não seria mais.

A sensação de que eu pertencia àquele homem era muito clara e forte. Desde o tremor nas pernas na praia, eu sabia que seria capaz de fazer qualquer coisa que ele me pedisse.

E portanto, se antes eu não deixava nenhum dos pseudonamorados que tive encostarem a mão em nenhuma parte mais pecaminosa do meu corpinho, com ele, em muito pouco tempo – um mês, precisamente – já estava completamente peladinha, entregue e “pecando” com todo o prazer do mundo.

Ah, e como eu adorava ficar peladinha com ele.

Mas na primeira vez que isso aconteceu, parei tudo.

O motivo era o motivo mais imbecil que um namorado poderia suportar ouvir de sua namorada.

Lembram da outra banda que eu citei há pouco? Pois então, eu tinha uma paixão platônica pelo baixista. E sempre tinha imaginado a minha primeira vez com ele.

Então tive a ignorância completa de parar tudo e explicar que eu não poderia fazer aquilo com ele, pois eu sempre tinha sonhado em fazer isso com o outro.

Pelamordedeus! Que cafona, idiota e insensível que eu fui!

Mas, por sorte, ele, maduro que era, conseguiu digerir aquilo e transformar numa música linda.

Baby! Qual é a tua?

Não gostou de ficar nua?

Paciência, ciência de valor...

Nossa! Para quem nunca ganhou uma música de um namorado, eu preciso dizer que é uma das coisas mais incríveis que se pode ganhar.

E se até ali eu tinha alguma dúvida sobre me entregar pra ele, a música derrubou de vez minhas defesas.

Ufa. Que bom que ele tinha paciência!

Vamos voltar para os pelados.

Ele tinha um nome para esse momento de ficar pelados juntos, conversando, antes ou depois de fazer amor.

Chamava isso de CUECAR.

E a gente cuecava muito.

Em nossas primeiras investidas na arte do sexo, ele foi tão doce e cuidadoso, que quando minha irmã me levou ao ginecologista pela primeira vez, o médico constatou até que eu ainda tinha um pouco do hímen.

Adorei saber disso. Considerei aquele cuidado uma prova de que ele realmente se importava comigo.

Mas a fase dos cuidados passou e eu fui pegando gosto pela coisa. Cada dia eu ia em busca de experiências mais prazerosas.

Uma vez alugamos uma casa com outras pessoas em Campos do Jordão. Na escolha dos quartos,

acabamos ficando com uma sala fora da casa que ninguém queria.

Que sorte!

Era uma sala longe de todo mundo, com um colchão de casal e uma lareira para esquentar ainda mais a nossa temperatura.

Numa dessas noites, eu estava de pé só de calcinha na frente da lareira. A sala estava quente, com aquela luz gostosa que só uma lareira pode proporcionar.

O gosto na boca se misturava com o da boca dele e de um vinho que deveria ser péssimo, mas parecia delicioso. Em meio àquela leve embriaguez de corpo e espírito, ele começou a tirar minha calcinha.

Tive um orgasmo violentamente rápido.

Apenas isso me bastou para que eu pingasse de prazer. Ali mesmo, de pé.

Nunca vou casar e ter filhos

Vamos tentar resumir as características de Ivan.

Inglês

27 anos

Bonito

Gentil

Doce

Voz suave

Irmão bacana

Mãe bacana

Cachorra bacana

Muito bem educado

Inteligente.

Como veem, muitas características de bom moço.

Ele teve uma excelente educação. O pai era diplomata. Era muito viajado, o que lhe dava uma experiência e um currículo oculto muito mais interessante do que a maioria dos jovens da idade dele.

Só que o cara gostava de *rock and roll*.

Era músico, tinha uma guitarra e uma banda.

E precisava ter alguma relação mais estreita com a rebeldia.

Nas várias vezes que fui visitá-lo em sua casa, ele sempre falava alguma coisa do vizinho. Eu nunca tinha tido a sorte ou o desprazer de cruzar a pessoa no hall.

Mas, pelos comentários do Ivan, imaginava um cara de terno, casado, de uns 30 e poucos anos, com emprego numa multinacional formato 9h às 18h, com filho, *boring* e aparentemente infeliz.

Ele mencionava o vizinho em situações diferentes. Tinha um bode do cara que eu nunca entendi exatamente. Achava que era pelo fato de pertencerem a mundos completamente opostos.

Era claro que ele tinha escolhido ser contra tudo e qualquer coisa que o vizinho fizesse.

Assim, num dia qualquer, durante uma tarde na casa do meu primeiro namorado, no meio de uma conversa que não parecia nada importante, ele disse:

– *Nunca vou usar terno, nunca vou querer casar e nem ter filhos!*

Bom... Que eu me lembre, nem liguei para aquela informação.

Na minha cabeça da época, era absolutamente fora de questão casar e ter filhos com um marido de terno.

Eu estava no último ano de faculdade e tinha planos de me mandar para Paris tão logo terminasse. Para isso, fazia duas horas de aula de francês todo dia. Realmente nem pensava em casar.

Naquele momento, nenhum dos dois se deu conta do quanto aquela frase iria reverberar na minha cabeça, e nem por quanto tempo. Talvez, se tivéssemos um pouco mais de maturidade naquela época, nem ele teria dito aquilo com tanta certeza, nem eu teria registrado a frase na memória com tanta intensidade.

Como só as pessoas mais maduras sabem, os jovens têm uma infinidade de frases e ideais, tudo certo e importante, mas no fundo muita coisa não passa de verborragia.

Mas eu não tinha nada de madura. No fundo, ainda era apenas uma menina apaixonada por um homem.

Ele me ensinava muita coisa sobre a vida, e eu acreditava em cada ponto e cada vírgula do que ele dizia.

Na época, a frase não causou estrago nenhum. Mas, sem que eu me desse conta, ela ficou tatuada em mim.

Poesia 1

Vou pintar você um dia

De uma cor que ainda não inventaram

Talvez eu nem precise

Você já é cor de Deusa!

(IVAN)

Nunca deixe de fazer nada

Um pouco antes de conhecer o Ivan, eu havia combinado com uma amiga de irmos com a família dela para Ubatuba em janeiro.

Eu não sei por que, nem quando, mas havia contado isso a ele.

Mas claro que janeiro chegou e, no clímax da paixão, eu não via sentido nenhum em ir para Ubatuba com uma amiga solteira e cheia de intenções de passar as férias saindo toda noite para paquerar.

Acima de tudo, não queria ficar longe dele.

Decidi não ir. E sei lá por que – achei que seria divertido, surpreendente –, resolvi avisá-lo da mudança só na véspera do dia em que iria.

No tal dia, Ivan passou em casa e fomos para um bar perto da escola Alumni, nos Jardins, onde ele havia dado aulas de inglês.

Sempre que passávamos na frente do Alumni, ele dizia:

– *Dei aula aí.*

Na primeira vez, me interessei; na segunda, fingi que ele ainda não tinha me contado. Na terceira, deixei ele dizer e emendei:

– *Ah! Eu lembro, você já me disse.*

Nas 35 vezes subsequentes, eu ficava contando nos dedos em silêncio e no final comunicava:

– *É a 28ª vez que você me conta isso.*

Sorrindo, claro.

Depois de um tempo disso, quando passávamos por lá, nos olhávamos e começávamos a rir.

E foi assim naquela noite, antes de paramos em um barzinho qualquer pra nossa “última” noite antes das férias com a minha amiga.

Sentamos e ficamos papeando e namorando.

Pensando agora, talvez eu tenha deixado para contar na última hora porque não queria deixar de viver aquele clima de despedida. Adoro cenas fortes, cheias de emoção.

Eu era um sorriso só. Não via a hora de contar pra ele a grande novidade.

Dei o primeiro aviso:

– *Eu tenho uma surpresa pra te contar!*

– *Conta.* Ele disse sorrindo.

– *Depois.* Sorrindo eu também.

E nos perdemos em conversas bobas.

Meia hora depois:

– *Conta, Mary.* Sorrindo, ele insistia.

– *Ah, não. Só no fim da noite.*

– *Conta, vai.* Sorrindo ainda.

– *Tá bom.*

Meu maxilar deu mais uma esticadela e o sorriso triplicou.

– *Não vou mais pra Ubatuba.*

O sorriso se alastrava por todos os poros do meu corpo.

Ele fechou a cara imediatamente. No lugar do sorriso, veio uma expressão dura e feia de desaprovação.

Meu corpo todo congelou. Esperava que ele me abraçasse e beijasse, que ficasse muito feliz com a novidade. A frustração fez meu sorriso fechar também.

Ele percebeu e emendou:

– *Mary, não pense que reagi dessa maneira porque estava planejando sair e paquerar outras mulheres enquanto você estivesse em Ubatuba. Mas não quero que você deixe de fazer nada por minha causa. Nunca.*

Não me lembro de quanto tempo precisei pra acreditar e incorporar aquelas palavras.

Essa foi mais uma das frases feitas que ficaram tatuadas em mim. Afinal, eu acreditava em cada ponto e vírgula do que ele me dizia.

Poesia 2

Subi numa árvore,

Você não passou.

Desci.

(IVAN)

Nosso bebê

A gente viveu um ano e alguns meses do mais lindo amor.

Aquele estado em que a gente ama, se diverte, aprende, cresce.

Como estava previsto desde lá atrás, não casamos. Não tivemos filhos e ele não usou terno.

Mas como também estava previsto, terminei a faculdade e o universo se encarregou do resto.

No fim daquele ano, apareceu um apartamento em Montmartre para morar em Paris, um estágio de publicidade em uma agência muito bacana de lá e, de quebra, uma amiga para viver aquela aventura comigo.

Mesmo com as portas se abrindo para realizar meu sonho, óbvio que me passou pela cabeça deixar tudo pra lá e ficar com meu primeiro namorado.

O coração me mandava abandonar aquela bobagem de primeiro mundo e não arredar o pé do lado dele.

Será?

Será que eu deveria desistir de tudo e ficar no Brasil com ele?

A resposta veio rápida. Foi só eu dar uma olhadinha dentro de mim para ver que a tatuagem estava lá, gritando:

“Nunca deixe de fazer nada por minha causa”.

E assim eu fiz.

Ainda que meu coração quisesse ficar do lado dele para o resto da minha vida, na hora de decidir foi a razão quem ganhou.

Afinal, ele iria me achar uma idiota se eu deixasse de ir pra Paris por causa dele.

O passo seguinte foi contar as novidades para a criatura, que aparentemente ficou feliz por mim.

Como boa leonina, acho que eu teria preferido uma cena, um escândalo, lágrimas, e ele me pedindo pra ficar.

Mas ele foi absolutamente maduro, conforme as regras internacionais de convívio civilizado.

Vivemos cada segundo dos últimos dias do nosso amor.

No dia anterior à viagem, fui dormir na casa dele.

Fizemos amor. Amor mesmo, pois era isso que a gente fazia.

Não tinha ainda aquela coisa de só esvaziar o saco.

Nosso amor ainda era um bebê. Puro.

Gravamos numa fita cassete os barulhos do nosso amor bebê.

Os gritos, os chorinhos, os murmúrios indefinidos.

Queríamos ter uma lembrança de nós, para matar a saudade quando fosse necessário.

E foi naquela noite que conheci um outro lado do meu primeiro namorado.

Ele quis fazer para mim um relato, um longo resumo da vida dele.

E abriu o coração.

O pai dele era diplomata, desses que trocam de país ou cidade de cinco em cinco anos, e a família ia junto. Quando ele começava a ficar apegado às pessoas, já era hora de largar tudo e ir embora.

Para quem nunca viveu isso, é difícil imaginar o que causa na gente.

Um dia o pai dele morreu (ele nunca tinha me falado disso, embora eu soubesse de tudo) e ele teve de virar o homem da família. Teve que ficar madurão da noite para o dia.

(Engraçado: até para escrever essa parte estou tendo dificuldade, tal a complexidade de tudo isso. Só agora, ao escrever essas linhas, percebo as tristezas que meu fofo devia ter dentro dele. Ele não era aquele homem que eu enxergava, e que ele mesmo vendia; no fundo, era um menino que precisava de colo e carinho.)

Ele quis me contar tudo isso para explicar que dava uma certa tristeza saber que tinha se dedicado a mim por um ano e meio, e que agora eu estava indo embora. Mas que ele também entendia que eu deveria ir. E blablabla.

Aquilo mexeu comigo, mas não o suficiente para me fazer desistir de ir. Acho que, no fundo, eu ainda não tinha maturidade para entender aquilo tudo.

E, além do mais, já tinha uma raposa japonesa – disfarçada de agente da banda deles – rondando a nossa vida. Mas essa é outra história.

Eu fui.

Tentei deixar claro que não estava indo atrás de romances, mas sim de uma experiência nova. Mas, mesmo assim, achava que era importante que ele ficasse livre para viver a vida dele nesse período.

Aqui fui eu que tentei ser a madurona. Obviamente não era isso que queria realmente. Minha vontade mesmo era mandar aquela japonesa filha da puta tomar no cu, e levar ele comigo. Mas na

época, eu não era esse mulherão todo.

No ano que passei em Paris, tive pela primeira vez a experiência de viver sozinha. Trabalhei numa agência de publicidade, conheci gente, viajei, aprendi muita coisa. No quesito relacionamentos, confesso que beijei alguns caras, mas não me entreguei para nenhum.

Eu queria ser dele. Só dele, para o resto da minha vida.

Minhas distrações em Paris eram trabalhar, comprar vinhos, ficar embriagada, olhar a torre Eiffel da janela e escrever cartas para ele deitada no calor da minha banheira.

Quando as cartas de Ivan chegavam, eu enrolava muito para abri-las. Era uma maneira de prolongar aquele momento de proximidade com ele.

Só depois de algum tempo abria as cartas e lia.

E lia, lia, lia.

Apesar da alegria que as cartas me traziam, eu sentia uma certa distância nas entrelinhas e, entre os pontos e as vírgulas, a presença de outras mulheres.

Não vou poder

Chegou o dia de voltar para o Brasil.

De voltar para ele.

No mesmo dia em que cheguei, ele veio me ver.

Fizemos amor.

Depois de um ano, finalmente ele estava dentro de mim de novo.

Fomos passear, não me lembro onde. Quando ele foi me deixar em casa, soltou mais uma frase-tatuagem:

– Mary, eu te amo, te adoro e te venero, mas não vou poder namorar com você do jeito que a gente namorava antes.

Caralho!

Nem respirei. Meu orgulho de leonina botou logo as garras para fora. Perguntei:

– Você viveu bem esse ano sem mim?

– Sim. Acho que ele disse.

– Eu também vivi bem sem você nesse ano. Então, vamos fazer o seguinte:

NÃO ME LIGA MAIS.

Desci do carro, com o ego tinindo e o coração arrasado.

E assim foi.

Por três meses, nada aconteceu.

Até que, num fim de semana, meus pais foram viajar e eu acordei com muita vontade dele. Tranquei o orgulho numa jaula e liguei.

Ele veio imediatamente.

Ficamos juntos o fim de semana inteiro.

Ainda era te amo, te adoro, te venero.

Em seguida ficávamos três ou quatro dias sem nos falar. Aí ele voltava.

Aguentei a situação por um tempo, mas aquilo foi me deixando muito triste. Eu já tinha sido rainha; não podia aceitar agora a condição de ser uma simples súdita.

Pedi para minha mãe não me contar, quando ele ligasse, e fiz o mesmo no trabalho.

Até um dia que o telefone tocou na agência, a secretária não estava e eu resolvi atender.

Era ele.

– *Blablabla. Você não ligou mais. Vamos nos ver. Liga pra mim.*

– *Tá bom. **Eu disse.***

Desligamos sabendo que era a última vez.

Eu deveria ter casado

Anos depois, mas não consigo precisar quando, eu estava num sítio em Arujá comemorando meu aniversário e ele veio me ver.

Disse que estava indo morar em Londres, mas que precisava me ver antes para ter certeza de estar tomando a decisão correta.

Não tenho a menor ideia do que ele precisava ouvir ou ver para ter essa certeza.

Sei apenas que sem nenhum esforço ou gasto de tempo, já estávamos juntos.

Encontrávamos nosso aconchego muito rapidamente.

Ele dormiu lá comigo.

Eu, ele e o nosso amor bebê.

Fizemos amor, cuecamos...

No dia seguinte, acordamos.

Mas eu percebi que já tinha medo de me entregar para ele.

E se um dia ele tinha me ensinado que eu nunca deveria deixar de fazer nada por ele, tinha chegado a minha hora de demonstrar o quanto eu tinha aprendido a lição.

E devo ter dito algo como:

– *Vai.*

E ele foi.

Daí para frente ele começou a desenhar a vida dele lá, e eu a minha aqui.

Ele me visitava sempre que vinha ao Brasil. Eu já morava sozinha, e entre quatro paredes só nossas, o fogo sempre acendia na primeira encostada de pele. Sempre foi assim.

Também cheguei a fazer um curso de ilustração de moda em Londres. Dos 45 dias que fiquei lá, passamos 45 dias juntos.

Mas chegou o dia em que pela primeira vez me envolvi com outra pessoa.

Ele veio me visitar em São Paulo, mas como eu estava envolvida com outro, o fogo não acendeu.

E talvez por isso, ou pelo momento que ele parecia estar passando – estava meio perdido –, ele

finalmente disse o que eu (mesmo sem saber até aquele momento) sempre quis ouvir da boca dele.

– Eu devia ter me casado com você.

Hoje em dia eu teria respondido algo como:

– Devia mesmo, besta, burro, marcão!

Mas, na época, por estar tão envolvida com outro e por achar que deveria ter reações maduras com ele, soltei uma ridícula frase de efeito tentando demonstrar a inteligência do fluxo da vida:

– Se a gente tivesse se casado, a gente teria se matado.

Essa foi a última visita que ele me fez.

Daí para frente, cada um no seu mundo, casou e teve filhos.

De toda a profecia, acho que só o terno não rolou. Nem do meu lado e nem do lado dele.

Mas querem saber? Hoje em dia eu adoraria vê-lo de terno.

Assim, esporadicamente. Só pra uma festa.

Subindo em árvores

Foram mais ou menos essas lembranças de nossos 25 anos que consegui tirar do meu HD já meio velho.

Life is too short to be wasted.

Voltando para São Paulo, depois das férias de julho em Ubatuba, resolvi escrever uma mensagem para ele, para acabar com aquele silêncio de três meses após o e-mail vírus.

Escrevi o seguinte:

Assunto: Eu uso óculos

Deixei passar esse tempo... O "VÍRUS" que vc passou pro meu computador só melhorou agora. rs

Depois daqueles nossos e-mails com licença amorosa de 1/4 de século.

Fiquei pensando esporadicamente nesse mesmo período.

Tenho frases tuas muito fortes que ressoam até hoje na minha cabeça.

Você é a mulher da minha vida.

Nunca vou querer me casar e nem ter filhos.

Nunca deixe de fazer nada por minha causa.

Não vou poder namorar com você como a gente namorava antes.

Subi numa árvore, você não passou, desci.

Vou pintar você um dia de uma cor que ainda não inventaram, você já é cor de deusa!

Eu devia ter casado com você.

1/4 de século e ainda tiamopracaralho!

Eita! Cada coisa que você já me disse!

E agora esse silêncio que eu entendo e até gosto (afinal, não tinha mesmo pra onde ir além daquilo)

Hoje em dia, assim como você, uso óculos pra enxergar de perto.

Tenho quatro:

1 pra ler em casa, na cama, de noite. fica no meu criado-mudo

1 pra trabalhar, que fica no escritório.

1 que enxerga a vida como ela é.

e 1 pra enxergar a fantasia.

Por isso baby, fique tranquilo... Pros nossos assuntos, escolho sempre as lentes da fantasia.

E eu só vou trocar as lentes e olhar pra você como algo que pode fazer parte da minha realidade no dia que eu souber que você não é feliz por aí.

Enquanto isso...

Vamos subindo em árvores.

Beijos / Mary.

Mais uma vez, fui politicamente correta.

Uma maneira de tranquilizá-lo e continuar o contato gostoso.

De mostrar que eu tinha noção de nossos mundos paralelos.

Mas depois que escrevi a história toda, ficou claro que sempre tive medo.

Percebi que tenho que comprar mais um par de óculos para seguir a vida a partir daqui.

Um bifocal.

Desses que misturam duas lentes.

Um tipo de lente que coloca um pouco de fantasia na realidade.

Afinal, mais uma vez, em vez de falar com o coração, usei de novo a chata da razão.

Obviamente, por conta do medo.

Medo de me deixar levar por essa vontade maluca de viver essa história mais uma vez.

Medo de me mostrar criança e acreditar na possibilidade desse amor de tanto tempo.

Medo de, durante o encontro, me encontrar ao lado de um estranho.

Medo de que esse sentimento todo não seja verdadeiro.

Medo de apagar essa esperança de um dia sermos nós dois novamente.

Medo de abrir a portinha onde está escrito “felicidade” e não encontrar nada lá dentro.

Medo de me desiludir e perceber que as palavras dele são só palavras.

Medo do meu medo dar de cara com o medo dele.

É muito mais fácil não mexer em nada.

A vida dele é lá e a minha é aqui.

Isso pode até ser verdade, mas a partir de uma certa idade, a gente percebe que a vida só vale se for pra ser realmente vivida.

Então chega de fingir e de fugir.

EU QUERO VOCÊ!

Que seja por uma única noite, mas eu quero.

Cansei de fugir da vida.

De deixar para amanhã.

Pronto. Eu disse.

O que vai acontecer ou o que ele vai fazer com isso, só Deus sabe.

Uma vez alguém me disse que não existe ninguém mais criativo do que Deus.

Então, eu conto com a criatividade de ninguém mais, ninguém menos do que o tal do “criador”. E torço para que ele seja um autor exageradamente romântico e, por que não, levemente safado.

E que ele escreva o próximo capítulo desse livrinho:

A grande noite no quarto de hotel!

Ou quem sabe, algo bem mais criativo, que nem a gente consiga ainda imaginar.

Love you baby!

E happy birthday – meu primeiro namorado, meu primeiro homem, meu primeiro tudo.

A resposta dele

Como isso acabou virando um livro, acho que o leitor merece saber o que o cara respondeu pro meu e-mail.

Então aí vai a resposta dele:

Arrasou comigo!!

Primeiramente, quem mandou ter uma coisinha linda tão empinadinha nas partes traseiras da carroceria? Eu nem consegui ver direito, mas sei que ela continua empinadinha e com alta suspensão para não molhar o motor durante as épocas de enchentes.

Segundamente, quem mandou ser tão "lindja" e bem conservada nessa idade? Parece que o tempo não passou nadinha... Os olhinhos brilhosinhos, o sorriso iluminado, o corpinho de bailarina e uma face toda beleza, um semblante todo inteligente, uma visão de "mujer" do mundo, experimentada nas artes da costura e de deixar "los hombres locos."

Terceiramente, pra que deixar minha perna molinha dentro de 2 segundos do primeiro contato em vários anos? Pra que deixar o coração balançando assim? É assim que você se diverte hoje em dia? Onde já se viu tamanho buctio contido dentro de um corpinho tamanho adolescente à flor da idade? É assim que você quer ficar pro resto da vida? Onde você espera chegar com isso?

Quarta e não finalmente, de onde vem sua voz? Um pouco mais profunda, sexy assim? cigarros? uísques?

No dia seguinte, veio mais um:

Mary!

Não terminei ainda! Cliquei o "Enviar" sem querer. Tem mais!

Agora sei o que sei... O amor não morre quando não tem por que morrer.

E aqui estamos, geograficamente longe, mas sempre com oportunidades de ficar ouriçando um ao outro.

E por isso agradeço aos deuses e a deusa que você é! Nunca mude nada em você, que já está tudo perfeito.

Posso agora pegar minha listinha?

Uma calça amarela de cotton, agarradinha daquelas que mostram toda a beleza da forma da mulher.

Isso foi minha primeira visão de você no Guarujá. Quem diria, o resto do pacote estava imaculadamente

*perfeito, lindo, demais de bom, e peguei um cigarro, e fui com a desculpa de "Você tem um fogo aí?"
Quem diria, o fogo estava dentro de você.*

*Um amor feito num campo na relva debaixo de uma árvore, com um cavalo testemunhando aquele ato,
momentos antes de entrar num carro para voltar para a cidade.*

*Uma sessão de fotos, que nunca foram reveladas, nem precisaram ser, pois as imagens foram queimadas
para sempre na minha memória.*

*Várias visitas, aqui e ali, sempre carinhosas, sempre importantes, sempre sempre sempre importantes,
que elas continuem sem fim...*

*duas vidas agora em paralelo, crescimento, expansão, filhos, *****, e mesmo assim, contato e
continuidade de uma *****, uma coisa sem igual, nunca repetida ou igualada com nenhuma outra
pessoa.*

seu jeitinho.

saudades mil,

Ivan

Uim quarto



dasheditora

IVAN

Ivan

Em 2010, quando completei 50 anos, tive o privilégio de ganhar o melhor presente do mundo.

Um livro sobre uma parte muito especial de minha vida. Um livro sobre o meu passado, escrito em forma de romance. O relato delicioso de um amor na voz da pessoa amada.

Sinto muito, caro leitor, se você nunca teve esse privilégio.

Porque é quase impossível, para quem nunca recebeu um presente desses, entender o prazer que senti.

E não adianta dizer “Imagino”. É uma sensação que vai muito além do que se possa imaginar.

Você sente cada parte do seu corpo, cada célula sua, ser massageada com carinho.

Você se sente a pessoa mais especial de todas.

Só que, para receber um presente assim, você teria de ter começado esse processo há 25 anos, como eu comecei.

E ter tido a sorte de conhecer Mary, como eu conheci.

Quem é Mary?

Aos poucos vocês vão entender.

Enfim. Vamos lá.

Sete dias depois de meu aniversário de 50 anos, recebi uma notificação de uma agência dos correios avisando que eu deveria ir até lá, para retirar um pacote que havia chegado do Brasil (ah: moro em Londres e Mary no Brasil, e ela já havia me prevenido por e-mail que, em breve, eu receberia meu presente). Fiquei extremamente curioso e corri para buscá-lo.

No caminho, ia imaginando de tudo. O que teria ela aprontado dessa vez?

Mary sempre superou minhas expectativas com pequenas surpresas criativas – e, na maioria das vezes, safadas.

Então fiquei imaginando um strip-tease em vídeo, ou uma história em quadrinhos com fotos bem sacanas.

Sei lá.

Na verdade, eu sabia que não adiantava muito tentar imaginar o que seria. Eu nunca adivinhava mesmo. Ela sempre estava um passo na minha frente nesse quesito.

Ou seria em todos?

Enfim, cheguei ao correio. Abri o pacotinho e dei de cara com um pequeno livro de capa vermelha.

Um livro que contava nossa história inteira, do ponto de vista dela.

Saí correndo de lá e me sentei no primeiro banco que encontrei, com a emoção de um homem de 50 anos e a alegria de um garoto de 10.

Assim que comecei a ler, fui teletransportado de volta para os meus 26 anos.

Puxa, o que dizer?

Com aquele livro, ela superou todas as minhas expectativas mais uma vez.

Nos vários dias que se seguiram, vivi dentro de uma bolha mágica. Fui arrancado docemente de meu cotidiano e carregado num balão mágico para uma terra onde tudo era mais bonito, gostoso e aveludado.

A lembrança de nossa paixão no começo, o fogo da nossa juventude... Que saudades!

Sim. Ler aquela história triplicou minha saudade!

Quando consegui tirar os olhos do livro e olhei em volta, tudo estava mais colorido e brilhante; dava até pra ouvir uma música no ar.

Meu sorriso devia estar iluminando tudo em volta.

Fechei o livro e voltei para casa.

A única coisa que conseguia pensar era que eu teria de encontrar tempo, entre os afazeres do meu dia a dia, para resgatar e relatar minhas lembranças daquela história, do meu ponto de vista.

Óbvio que a primeira coisa que fiz, assim que cheguei em casa, foi mandar um e-mail para ela:

Mary,

A intensidade e a verdade do que temos não tem igual. Guardo em mim algo especial, o que é raro nessa vida que nos obriga a largar coisas a cada passo do amadurecimento. Mas algumas não consigo, me apego a elas.

Pelo jeito, você faz parte de uma dessas coisas.

Você eu não largou, e ninguém tasca, ninguém pode roubar.

Tenho mais para dizer, muito mais do que cabe nessa página, nessa transmissão. Aguarde.

Guardo o livro e esse amor a sete chaves.

Um beijo redondo na sua bundinha!

Demorei mais ou menos dois anos para conseguir dar forma ao que eu queria contar para ela. Mas até que, para a gente, não foi tanto tempo assim.

Calma, eu vou explicar.

A seguir, meu relato.

Verão de 1986

Antes de tudo, preciso fazer um breve pedido de desculpas.

Este relato amoroso começa há mais ou menos um quarto de século. Por isso a memória falha em certos detalhes, como, por exemplo, a cronologia dos eventos.

Portanto, espero que o leitor possa desculpar minha imprecisa poesia e minha prosa rodopiante. Lembrar todas essas coisas deliciosas não é uma ciência exata.

Meu relato também é mais curto e conciso que o de Mary, mas não menos sentido e importante.

Relembrar e escrever o que vem a seguir me fizeram perceber que, mesmo um quarto de século depois, tudo continua vivo dentro de mim.

Começo assim:

Era o verão dos meus 26 anos.

Eu estava no Guarujá com minha banda, ensaiando as músicas do nosso disco seguinte (ok, vamos situar um pouco: sou inglês e nessa época morava em São Paulo, Brasil, e tinha como profissão uma banda de *rock* que tocava nas rádios, mas que me dou o direito de não revelar o nome).

Estávamos literalmente acampados no apartamento do baixista. Afinal, tínhamos 20 e poucos anos.

Naquelas férias, nossa única preocupação era tocar, ir à praia e curtir.

A localização do apartamento era perfeita: de frente para o mar, no finalzinho da Praia das Pitangueiras, perto do famoso Edifício Sobre as Ondas.

Tínhamos chegado duas semanas antes; mas aquela semana parecia a melhor de todas.

Sol todo dia, praia pela manhã, ensaio com muita música à tarde e a liberdade de sair à noite para desfilar nossos corpos (não tão sarados como o dos surfistas, mas charmosamente esculpidos pelo estilo *rock and roll*) pelo centrinho do Guarujá, na época famoso.

Eram nossos dois últimos dias. As férias estavam acabando e tínhamos que voltar a São Paulo para cumprir nossa segunda (e menos interessante) jornada de trabalho. Na época eu também era professor de inglês.

Acordamos, fomos à praia, ensaiamos à tarde. À noite, lá estávamos nós, novamente, no centrinho.

Tudo igual aos outros dias.

Até que...

Eu a vi.

De repente, avistei o corpinho mais celestial que já havia visto na vida.

Um corpinho embrulhado para presente numa calça amarela colante, daquele tipo que revela toda a beleza das formas de uma mulher.

A visão acendeu instantaneamente o pavio do meu desejo.

Não pisquei, não pestanejei, nem um segundo sequer.

Na mesma hora, virei para o baixista e disse:

– Rápido, me descola um cigarro?

Ele me deu, e eu saí correndo na direção da proprietária daquele corpinho de calça amarela, que fumava e caminhava pela calçada.

Cheguei junto sem o menor pudor.

– Você tem fogo?

Ela sorriu e me emprestou o fogo do próprio cigarro.

Ou será que o fogo saía dela?

Já não sei.

Pensei apenas: bendito cigarro!

Engatei um papinho bem furado para manter o assunto enquanto achava um jeito de convidá-la para ir ao nosso ensaio do dia seguinte.

E consegui.

– Minha banda ensaia aqui perto. Por que você não pinta lá amanhã pra ouvir um pouco?

Ela concordou imediatamente e pegou o endereço.

Com a possibilidade de um segundo encontro no horizonte, fomos embora.

Parei na dela.

Rolou de cara um magnetismo nos olhares que trocamos.

Ah, os olhos dela!

Até hoje, sempre que a encontro, seus olhos me magnetizam.

Eu NUNCA vou resistir àquele olhar.

E agora, aqui, escrevendo e lembrando essas coisas, tampouco sei por que não estou com ela até hoje.

Só sei que ela me cativou naquele momento e que eu fiquei na dela.

Até hoje.

O ensaio

No dia seguinte, no horário marcado, a campainha tocou.

Ela veio com duas amigas.

Não lembro de muitos detalhes.

A gente ficava meio sério durante os ensaios.

Que pena, por que os detalhes devem ter acontecido, e aos montes.

Afinal, todo mundo sabe, os momentos que antecedem o primeiro beijo de um casal são quase sempre muito mais interessantes e sedutores do que o beijo em si.

Mas realmente não lembro de nenhuma cena que explique o que nos levou até o fim daquela tarde.

Parto então para a despedida do encontro.

Milhares de beijos rolaram. Uma ternura especial, tipo um namoro no portão, inocente e doce.

Só isso?

SÓ TUDO ISSO!

A simplicidade de dois se gostarem.

Talvez aos olhos de um leitor mais exigente, mais interessado em detalhes picantes e emocionais, essa breve explicação seja rasa, simples e curta demais. Mas às vezes é justamente nas coisas simples que se escondem as mais especiais.

Para entender a profundidade desse encontro, tente olhar para a cena como alguém que foi ver um filme francês, e não um filme americano. Imagine uma linda canção soprando no vento, no meio de uma praia, com um visual bonito de fim de tarde. Acrescente olhares intensos e silenciosos entre os beijos. Você vai entender (como a gente, naquela hora) que eu e Mary realmente nos gostamos.

Melhorou?

Então vamos seguir com o relato.

Foi também ali que, sei lá porque, ela disse:

– *Quero te contar uma coisa.*

Na hora, só pela maneira como ela soltou a frase, eu já sabia.

– *Sou virgem.*

Puxa!

Eu.

Não.

Sei.

O que.

Dizer.

Mesmo já estando com 26 anos, na época eu ainda tinha aquela típica cachorrice de homem, sabe?

É verdade que eu já estava tentando controlar isso; já começava a perceber dentro de mim uma vontade de sair daquele personagem meio galinha e me tornar um cara mais bacana, com direito a ter uma pessoa especial do meu lado.

Uau!

Aquele corpinho celestial – e virgem?

Pelo jeito eu tinha ganhado na Loto.

Gamei.

Será que as coisas aconteceram assim mesmo?

Não sei, mas não importa. Vai ter de ficar assim, pois é assim que lembro.

Amor de praia não sobe a serra

Mas o nosso subiu.

Na primeira segunda-feira de volta a São Paulo já fui visitá-la em casa.

Quer dizer, na verdade fui visitá-la na casa de sua irmã mais velha, que gentilmente cedeu seu apartamento para eu fazer gato e sapato de sua irmãzinha mais nova.

Lindinha, com seus vinte anos e virgem – era uma minideusa!

Porra!

Virgem ou não, aquela menina era uma microdeusa do diabo.

Não entendia como ela não tinha dez namorados.

Cabelo loiro curtinho, estiloso; roupas bem escolhidas (era a época da *new wave*) e um corpinho de-li-ci-o-so.

Eu só pensava em maldade.

Logo naquele primeiro encontro, lembro que a gente se deitou em uma rede esticada perto da janela e começamos a nos beijar.

Parti direta (e despudoradamente) para a gruta maravilhosa dela com meus dedos e minha mão boba. Não dava para resistir. Não tinha como.

Ah, que criatura maravilhosa!

Eu não queria nem saber, já queria derrubar todos os muros e tomar a cidade dela num ataque frontal.

Tá bom. Eu sei.

Ela era virgem.

Obviamente, eu lembrava às vezes desse detalhe. Então parava, respirava e conseguia manejar um pouco.

Mas lembrar esse detalhe às vezes era justamente o que me deixava mais louco e despudorado.

Comecei a me ver como um velho tarado querendo roubar o berço.

A criancinha que ela era... Não tinha igual.

Um mês interminável para chegar de verdade no paraíso dela.

Para mim, foi uma eternidade.

Não sei como eu me aguentei.

Não sei como ela me aguentou.

Mary conquistava meu coração com seu jeito, sua energia e sua genialidade, equilibradas por sua inocência.

Me amarrei nela totalmente.

E foi muito bom quando finalmente engatou.

Ufa!

Querem saber?

Valeu esperar.

E como!

ALERTA

Os leitores mais pudicos que me perdoem, mas agora preciso relatar alguns dos nossos momentos mais indecentes, que foram milhares.

Se você é desse tipo, melhor pular os próximos 6 capítulos.

Que continue lendo apenas quem sabe, como nós sabíamos, que sexo é a mais gostosa e divertida brincadeira de gente grande. E a gente brincava muito.

Dia de foto

Pense num dia qualquer, absolutamente banal, desses para os quais a gente não dá muito valor, porque não temos a menor ideia que ele que ficará pra sempre gravado na nossa memória.

Pensou?

Então, nesse dia, me deu a louca e tive a ideia de tirarmos milhares de fotos um do outro nus.

Mary adorou.

Imediatamente abriu seu sorriso safado e deve ter ficado molhada naquele momento mesmo.

Correu pra procurar a máquina e um filme.

Achou a máquina, mas nada de filme.

Se vestiu, ordenou que eu me vestisse logo, quase implorando, uma ordem doce de uma lolita mimada, aguando pela brincadeira.

Sáímos então, já cheios de tesão para comprar.

Queríamos rolos e rolos de filme.

Por sorte havia uma pequena loja de ótica perto de casa e fomos andando.

Lembro que ela vestia uma saia bem curtinha num tecido mole, que marcava sua bundinha enquanto caminhava.

Aquilo foi me dando ainda mais tesão.

Ah! aquela curvinha me deixava louco!

Compramos os filmes e voltamos pra casa, cada um imaginando dentro da sua cabeça a tarde deliciosa que teríamos.

Eu não via a hora de levantar sua saia, e ir passando levemente o dedo entre sua calcinha e sua pele suave, dar um zoom e focar nos seus pêlos e desfocar de todo o resto. desfocar do mundo.

Não tenho ideia de quais eram as fantasias de Mary, mas com certeza, ela também estava pensando nisso, pois voltamos os dois silenciosos para casa.

Chegamos.

Eu coloquei o filme e empunhei a máquina.

Começamos vestidos, só provocando.

Nesse momento nós dois refreamos a vontade de arrancar tudo de uma vez.

Eu dirigia as fotos, desnudava um ombro de Mary, abaixava um pouco o decote...

la me divertindo com pequenos toques de erotismo.

De início ela foi obedecendo.

Até que pedi que ela se sentasse e abrisse as pernas displicentemente.

Nesse momento Mary começou a alternar entre o prazer de proibir que eu conseguisse a imagem que eu queria, entre seu desejo pornográfico de quase se esfregar na lente sem pudor algum obedecendo e implorando pelas minhas ordens e obviamente entre o prazer que tinha em me provocar entre os cliques pra me deixar com mais tesão ainda.

Se é que isso era possível.

Mas mesmo com os dois explodindo de vontade de ficarmos logo nus, só aos poucos fomos liberando detalhes proibidos dos nossos corpos, até ficarmos completamente pelados.

Daí a gente posou de tudo que era jeito.

Lembro que tirei até foto do meu pau dentro dela.

Uau!

Passamos a tarde toda, fotografando, rindo, transando, descansando...

Até que começamos a pensar onde revelaríamos aquele filme, e logo percebemos que não dava pra ser em qualquer lugar.

Aquela pornografia inocente era só nossa.

E demoramos tanto para achar alguém para revelar o tal filme que acabamos nunca vendo essas fotos.

Mas minha memória não esquece nenhum detalhe do corpinho dela naquele dia.

Lembro de cada pose, de cada clic que fizemos.

Foi insanamente tesudo.

BELICHE DE CASAL

Feriado fora de São Paulo.

Estávamos numa casa de campo durante uma viagem com amigos.

Não lembro exatamente por que, mas estávamos todos dormindo no mesmo quarto, um quarto enorme e cheio de beliches.

Acredito que fosse o único quarto da casa, pois éramos 3 casais e todos nós queríamos privacidade.

Não tinha porque escolher por livre e espontânea vontade dormirmos todos juntos num mesmo quarto e cheio de beliches.

Havia beliches do tipo que todos conhecem (para uma única pessoa) e dois enormes beliches de casal que nem eu e nem Mary nunca tínhamos visto na vida, mas que nos dava a garantia total de um final de semana claramente prazeroso.

Era demais!

Mas de nada adiantaria um beliche enorme de casal, se ficássemos expostos aos outros integrantes do quarto, então, para proteger nossa privacidade e poder nos atirar um no outro como bem quiséssemos, tivemos a ideia de transformá-lo numa tenda.

Amarramos um lençol em volta do beliche, tapando a visão de quem estava de fora.

Um dia estávamos dentro da nossa “tenda”, conversando com os pobres mortais em volta.

E Mary, aproveitando aquele clima de “voyeurismo às cegas”, começou a chupar meu pau, bem quietinha. Foi me provocando e me deixando quase louco, às vezes ela parava e fazia um comentário, fingindo participar da conversa que acontecia do lado de fora da nossa tenda; e o tempo todo, me olhava e sorria com cara de safada.

Então voltava aos trabalhos com dedicação e profissionalismo exemplares.

Quando eu já estava quase explodindo de tanto tesão, ela subiu em cima de mim e me comeu.

Eu gozei em silêncio e ninguém nunca ficou sabendo.

Puuuta tesão!

MARY, A RELVA E A LUZ DO SOL

Ainda naquela viagem, eu a levei para um passeio no pasto antes de voltarmos à cidade, estava cheio de más intenções.

Fui caminhando, conversando banalidades com Mary.

Ela parecia participar da conversa sem ter a menor ideia da minha intenção (mas não tenho certeza disso, pois em se tratando da gente, acredito que pensávamos em sexo 24 horas por dia).

Bom, mas vamos imaginar que nesse dia excepcionalmente, ela realmente não imaginava minhas intenções e eu ia inventando assunto enquanto caminhávamos e com os olhos buscava um lugar qualquer para atacá-la.

E ataquei.

Perto de um pasto, longe da visão dos outros, mas a céu aberto.

Comi ela, ali na relva mesmo.

Seu corpinho e sua bundinha brilhavam à luz do sol.

Fórmula perfeita com tesão garantido.

Juventude + uma garota com o fogo de três + perigo de sermos pegos ou no mínimo observados e de quebra, fora da fórmula, mas que dava um ar selvagem a cena, um cavalo que comia grama do nosso lado observava tudo.

Talvez tenha sido esse o nosso único voyeur.

Mas mesmo assim, foi bestial.

DUAS VEZES

Monte Verde, numa noite bem gelada, não lembro detalhes e nem as circunstâncias, mas registrei o fato.

Comi ela, gozei e continuamos trepando.

Meu pau continuou duro e, minutos depois, eu gozei de novo.

Dei duas sem tirar.

Put a gata, cada trepada inesquecível!

Saindo do elevador

Outra vez, saindo do elevador num prédio muito chique no Morumbi, no meio da noite, trepamos no sofá, ao lado da porta de entrada.

Sabíamos que podia pinta alguém a qualquer minuto, mas... por que não?

Isso aumentava mais ainda nosso prazer na brincadeira.

Mary queria ficar nua, ela adorava ficar nua em lugares proibidos.

Arrancou a blusa, levantou a saia, sentou em cima de mim e me comeu.

Eu deixei.

Deixei que ela fizesse o que bem desejasse.

Deixei que ela conduzisse a cena.

Deixei que ela nua me engolisse com seu prazer.

E sem que ela percebesse, eu a comi também.

Suuuuper sexy!

Não parávamos nunca.

E eu sempre a queria ainda mais.

Coitada... era coito demais!

Rua TAL nº X

Estávamos numa semana um pouco desconfortáveis um com o outro.

Era uma tarde e eu ensaiava na casa do baterista.

De repente a campainha tocou.

Paramos o som e fomos atender a porta.

Era um motoboy, perguntando por mim.

Ele me entregou na frente de todos um pequeno pacotinho, uma rosa vermelha e um bilhete.

Abre aspas:

“Mary tinha feito de propósito”

Me entregar aquilo no meio do ensaio na frente dos amigos, era meticulosamente calculado, tenho certeza que ela queria que todos comentassem a favor dela, e ela conseguiu. Vocês vão entender porque.

O motoboy foi embora e nós entramos.

Eu fui caminhando com o pacotinho fechado até estarmos dentro do estúdio, enquanto todos ficavam me provocando para abrir.

Antes de abri-lo porém, preferi ler o bilhete.

Ivan,

Te espero às 20:30 na Rua tal, nº x.

Não atrase por favor.

Pois eu estarei sozinha, bebendo e sem esse objeto que você tem nas mãos.

Mary

Nesse momento a curiosidade invadiu a todos nós, e os caras gritaram em uníssono:

– Abre cara, abre logo!!!

Eu meio sem jeito, abri e deixei cair no chão.

O objeto era uma calcinha vermelha.

Ouviu-se na sala um silêncio de todos que dizia:

Uauuuuuuuuuuuuuuu...

Passada a surpresa, iniciou-se imediatamente uma investigação na mente de todos para lembrarmos o que tinha naquela rua.

Mas como na época não tínhamos o Sr. Google, não tivemos sucesso.

Depois das tentativas, seguiram-se ainda uns dez minutos de zoação e vários comentários a favor de Mary.

Ela tinha conseguido exatamente o que queria, me mandando o pacotinho bem no meio do ensaio. Uma plateia inteira a favor dela.

Enfim, ensaiamos mais um pouco e eu fui embora.

Eu estava muito curioso, pra saber o que tinha naquela rua, onde ela estaria?

Quando cheguei, o mistério acabou.

Era um restaurante japonês.

Na hora até achei meio sem graça.

Não que não fosse bacana, mas por se tratar de Mary, minha expectativa era muito maior.

Entrei e a *hostess* me levou até ela.

Ela estava numa salinha fechada.

Quando entrei, ela sorriu com seus olhos brilhantes.

Estava linda, num vestido bem curtinho vermelho, me deu oi como se nada estivesse acontecendo e voltou a se sentar.

Eu sorri também.

A *hostess*, antes de sair, me mostrou uma campainha e fechando a porta disse:

– Se quiserem pedir alguma coisa, vocês tem que tocar essa campainha, caso contrário ninguém virá aqui servir.

Ela fechou a porta e me voltei para Mary que estava com o maior sorriso safado.

Ela abriu levemente a perna e me perguntou:

– Você trouxe minha calcinha?

Transamos ali dentro mesmo.

Sensacional!

TÍPICO HOMEM

Lembro também de um momento menos pornográfico, mas nem por isso menos especial.

Estávamos novamente no Guarujá.

Uma mulher estava deitada ao lado da nossa esteira na praia. Devia ser alguma gostosa. Fiz umas perguntas para ela sobre a mulher.

Eu estava sendo meio tolo, meio insensível – basicamente um homem típico.

Ela não gostou e me pediu pra parar com aquele papinho besta.

Parei um pouco. Mas, logo depois, estávamos no mar e a mulher apareceu de novo.

– Você acha que ela é casada? Perguntei.

Ela virou imediatamente e me deu um tapa na cabeça.

Na mesma hora, um anel que eu tinha dado para ela voou de seu dedo e caiu na água.

Paramos um minuto a cena para caçar o anel.

Não lembro se o encontramos. Mas, quando dei por mim, a maré foi baixando, a raiva foi passando e logo estávamos rolando no raso, com ondas mansas lambendo nossos corpos.

E eu senti meu amor se multiplicar.

Pedi desculpas e nos beijamos.

Nossa!

Eu devo ter marcado bobeira mil vezes – mas, ainda assim, ela

me amava.

A sorte estava do meu lado.

Demissão

Durante toda nossa história, rolaram muitas viagens. Guarujá, outras praias, Campos do Jordão, Monte Verde.

Momentos de amor, amizade, sexo – e, às vezes, a simples curtição de estar juntos.

Até o dia em que fomos obrigados a fazer uma pausa. Um intervalo.

Ela foi para a Europa estudar francês e italiano e se aventurar por aqueles lados.

Se eu fiquei triste?

Não.

No começo, fiquei feliz por ela. Ela estava planejando aquela viagem fazia um bom tempo.

Óbvio que eu ia sentir muita saudade do seu jeito, seu cheiro, seu carinho.

Mas meu lado cachorro/galinha se colocou no comando e viu naquela viagem a oportunidade de ter um pouco de liberdade.

Que tolo eu era.

Ela foi.

E eu fiquei.

Só que o cachorro/galinha não se deu tão bem assim.

Acabei entrando numa fase estranha, solitária, de mudança interna.

Enquanto ela vivia sua aventura em território europeu, eu comecei a me aventurar por um novo território interno.

Cansei da minha banda, quis fazer outro som, conheci pessoas novas.

Cada um do seu jeito, fomos vivendo aquele ano e armazenando experiências novas.

Até o dia em que minha microdeusa voltou – e nós entramos juntos em uma nova aventura.

As experiências diferentes que vivemos haviam nos transformado.

Então não tinha como nossa história voltar a ser exatamente o que era.

Nessa nova “gestão”, me sentia mais desencanado. Confesso que achei até uma coisa bonita, mais

solta.

Eu era assim, meio cuca fresca.

Mas, pelo jeito, Mary não apreciava muito essa nova versão de mim.

Num certo dia, de repente ela realmente cansou e me deu um ultimato.

Queria que eu ficasse mais sério, na dela.

Não lembro se tentei, mas lembro que não consegui. Fui sumariamente demitido – e, do ponto de vista dela, por justa causa.

Terminamos.

Surpresa

Ficamos uns bons meses sem nos ver.

Mas um dia, felizmente, ela me ligou dizendo que tinha uma festa.

Topei na hora.

O gostoso daquela época mais inocente era que a gente podia estar “brigado” e se ligar, sem mais nem menos.

Hoje, quando você briga com alguém, quase nunca rola uma “sessão nostalgia”.

Mas, por sorte, entre a gente rolava.

Minha “microdeusa dos diabos coisa mais fofa” passou em casa para me pegar.

Chegou falando da festa, dizendo que eu não podia perder, que seria a melhor festa e blablabla.

Me ofereci para dirigir o carro, mas ela disse que era longe, que o caminho era complicado e que, portanto, seria melhor ela mesmo dirigir.

Pegamos uma estrada.

Depois de mais ou menos uma hora, como eu não falava nada do trajeto, ela perguntou:

– *Você não tá pensando: “para onde essa menina está me levando”?*

Eu disse:

– *Claro, pra festa, né?*

Ela riu.

– *Ivan, como você é desligado! Não é possível que você seja tão inocente. Você não tá achando um pouco longe?*

– *Agora que você falou, acho que sim. Pra onde a gente vai?*

– *Tô te raptando. Vamos pra Ibiúna [ela tinha uma casa lá], nesse finde você é só meu.*

Adorei!

Esse tipo de surpresa era marca registrada da Mary.

E ela tinha pensado em tudo. Tinha até uma mala no carro com um kit fim de semana para mim,

com sunga, toalha e muda de roupa.

Incrível!

Como resistir e conseguir ficar longe de um ser assim?

Por essas e por tantas outras coisas, quando eu menos esperava, ela me reconquistava. Sempre.

Casamento

Mas, um dia, a vida acabou me levando para longe dela por mais tempo.

Não lembro por que, mas aconteceu.

Fiquei sozinho por um período e, aos poucos, fui perdendo o caminho. Me envolvi com algumas, fui buscar o amor em outras mulheres e, no fim, já cansado, acabei juntando os trapos com a primeira que me aguentou.

Obviamente, não rolou.

Eu insisti e fui de encontro a outra.

Também não rolou.

E fiquei assim por um tempo, insatisfeito e sem tesão em nada.

Até que tive a ideia de voltar a Londres, onde nasci, e tentar a vida por aqui.

Vim.

Mas parecia que o destino ainda queria que eu e Mary ficássemos juntos.

Acabou que, depois de algum tempo, ela veio fazer um curso em Londres.

Tivemos um mês inteiro para nos curtir de novo. Nas horas livres estávamos sempre juntos.

Às vezes saíamos pela cidade, mas a maior parte do tempo passávamos em casa, nos amando e nos devorando o tempo todo, no melhor estilo Mary / Ivan.

Que delícia. Continuei vivendo meu amor por ela. Até que o curso acabou e Mary voltou ao Brasil.

No começo senti falta dela. Mas não fiquei triste por muito tempo.

Londres me impulsionava para fazer coisas novas, e eu ia tocando minha vida para frente.

Eu era assim, mais tranquilão. Deixava a vida vir como ela quisesse.

Claro que às vezes eu dava uma forcinha.

Assim que pude, fui visitar Mary no Brasil.

O papo ainda era gostoso, especial, sempre fluindo. E o fogo ainda pegava muito rápido.

Em uma dessas visitas, lembro dela dizer, logo nos primeiros minutos, para minha surpresa e meu

prazer:

– *Vamos trepar?*

Fazer o quê? Imediatamente obedeci.

– *Você manda!*

Ela deu umas reboladas de quatro que me fizeram gozar feito um vulcão em erupção.

Nada havia mudado... Tudo continuava exatamente igual.

Por tudo isso, e por toda nossa história, nessa mesma noite, confesso que pensei em casamento.

Que tolo eu fui por não ter colhões para seguir adiante com aquela ideia.

Deixei o momento passar e voltei mais uma vez para Londres.

Eu só não imaginava que o Universo uma hora iria se cansar de tentar juntar a gente.

E ele cansou.

Um dia ela se casou com outro.

E eu me casei com outra.

Vida nova e novas visitas

Depois de alguns anos, já casado, voltei para o Brasil.

Só que agora em formato “família”

Eu, esposa e filho.

Não me lembro se combinei com ela ou se foi minha mãe que me deu o toque:

– *Ivan, a Mary está fazendo um bazar na loja dela. Por que você não passa por lá?*

Passamos.

Sim. Passamos. Eu não errei a pessoa do verbo. Fui com a família toda.

Mary estava só com o filho, pois tinha acabado de se separar.

Assim que cheguei fomos todos tomar uma cervejinha no bar ao lado da loja.

De início, rolou um certo desconforto, por causa da mudança toda e da “turma” que estava com a gente.

Mas mesmo assim...

Eu vi os olhos dela,

as pernotas gostosas,

seu cabelo estiloso,

nossas bocas trocando banalidades,

nossos olhos contando outras intrigas.

...

No meio daquele monte de figurantes, nos primeiros segundos do nosso contato, bateu uma paixão!

“Caralho! Balançou o meu coração!”

E agora?

O que fazer?

Só me passava pela cabeça que, mesmo sempre tendo tido o tal cachorro-homem dentro de mim, eu nunca traíra ninguém.

E não seria agora, casado e com filho, que iria trair.

Eu tinha que me conter.

Mas outro lado pensava que eu tampouco havia deixado de ser fiel à minha paixão...

Como eu havia conseguido conciliar essas coisas até ali, eu não sei.

Só sei que dessa vez tive de escolher – e um lado mais maduro gritou dentro de mim.

Segurei a onda e aguentei o coração bater quieto e sozinho!

Deixei a vida me levar novamente, e lá fui eu de volta para Londres.

Agora eu sei

A vida segue, o relógio corre e três anos se passaram.

Estamos agora numa *jam session* em Sampa...

Ela pinta.

Deusa!

Deliciosa!

E eu quero sair correndo com ela, deixar tudo para trás e ser um puta de um louco irresponsável.

Deixar a galera toda lá mesmo e sair mundo afora, passar um dia inteiro com ela, uma semana, um mês...

DANE-SE!

Queria mesmo era um ano inteiro, para conversar muito, beber vinho, abraçar, beijar e tudo mais que sempre fizemos.

Mas, eis que de novo volto para Londres.

Para o frio e para longe do calor dela.

Ah, minha microdeusa bendita!

Nunca mude um fio de cabelo, tu és perfeita!

E sabe o quê?

Quero você nua em pelo aqui, agora mesmo!

Como eu quero!

Tá bom, eu sei... É fácil falar isso assim, à distância.

Mas por ora, pelo menos, tenho que deixar o registro do meu mais puro desejo!

A possibilidade de um dia, talvez...

Espero um dia realmente poder passar mais do que uma tarde só com você.

Só pra mim.

Faz tempo demais!

Que todos os deuses e deusas te protejam.

É bom saber que é só pensar em você e meu dia brilha com um pouco mais de magia.

Bom saber que o amor de praia sobe a serra.

E sobe da terra para as nuvens e para o universo.

Conheci ela quando eu tinha 26.

Agora faz 26 anos que a conheci.

Que tolo sou.

Te adoro.

Eternamente.

Encontro

Julho de 2014

O porteiro me anuncia:

– *O Ivan tá aqui em baixo.*

Entro no prédio e pego o elevador.

Chego no andar.

Quando abro a porta do elevador, percebo que preciso ralentar um pouco a cena e encontrar a calma que perdi no momento exato quando eu e Mary combinamos o encontro há algumas semanas atrás, mas infelizmente não tenho a menor ideia de onde a deixei, então respiro.

Toco a campainha.

Escuto o caminhar de Mary que vem até a porta, vejo a maçaneta se mexer e a porta abre.

Nos olhamos.

Uau!

Cadê o script?

O que fazemos agora?

Quem fala primeiro?

A gente se abraça?

Acredito que 798 milhões de perguntas invadem a cabeça dela.

E 798 milhões somem da minha.

Respiramos fundo, percebo um desconforto enorme em Mary.

Ela está nitidamente ansiosa.

Eu também.

Entro.

Antes de abraçá-la, me afasto pra vê-la mais um pouco.

Eu preciso desse tempo.

Mas Mary não encontra espaço pra isso.

Ela interrompe então esse momento de pausa e silêncio e se aproxima logo pra dar oi.

O abraço e o beijo de oi rápido não era exatamente o que esperávamos e claramente entregam que estamos os dois sem graça.

Mas o que mais fica claro sobre esse beijo é que ele vem VAZIO.

Vazio de calma, de curiosidade e de atenção.

Ele se manifesta apenas como um protocolo.

Realmente não estamos à vontade!

Caro leitor, preciso fazer uma pausa e voltar um pouco no tempo para explicar o que aconteceu entre o nosso desejo de nos encontrar e o encontro em si.

No dia que comuniquei para Mary que viria para o Brasil, nós dois, como num jogo de tabuleiro, recuamos instantaneamente dez casas.

Fomos enviados para uma espécie de casa “pausa” onde se lia claramente:

Fiquem aqui por três jogadas e pensem muito bem sobre o que vão fazer.

Como num jogo virtual ou num seriado do “Perdidos no espaço”, podia-se ouvir claramente um aviso de “perigo... perigo...”.

Um sinal de muito medo disfarçado de “politicamente correto” soou bem alto nos nossos ouvidos.

Mas, como a vida é uma só e a gente tem que se movimentar para que ela continue, foi Mary quem tomou a dianteira e mandou um e-mail dizendo que devíamos nos encontrar e ponto.

Ela quis arriscar, dessa vez não seria dela a responsabilidade da fuga.

Se fosse eu a decidir pelo não encontro, tenho certeza que ela respeitaria, mas a autoria do não tentar teria que ser minha.

Obviamente pra ela era muito mais fácil se mover, ela não tinha o peso de um casamento nas costas... Não devia satisfações a ninguém.

Ela jogou então os dados e avançou em direção ao encontro.

Eu, que normalmente deixava-me levar por ela, segui.

Volta à cena.

Volta o vazio.

Esse gigantesco vazio não ficou só no beijo de oi, ele invadiu a sala durante toda a noite.

Falamos de todos e de tudo, mas pouco falamos de nós.

E quando digo "nós", não me refiro a nós juntos, mas simplesmente Mary nada falou dos sentimentos dela e tampouco ouviu nada de novo sobre mim.

Não abrimos o coração.

Estávamos ansiosos demais e sem a menor consciência do pouco tempo que tínhamos.

Na verdade, acredito, que estávamos suspensos no tempo.

Então bebíamos o quanto podíamos pra tentar relaxar.

Ela mesmo levemente doente, bebia.

E eu, controlava a quantidade aceitável de álcool milimetricamente calculada para um homem casado que se encontrava numa situação de risco e ainda intercalava os goles com água, muita água.

Mas bebíamos.

Bebíamos e o tempo passava.

Se aquilo fosse um filme mudo, o expectador teria considerado um encontro tocante.

Sorríamos, eu pegava o tempo todo na mão dela, falávamos, sorríamos mais um pouco...

Mas o diálogo seguia vazio.

Foi consumido pelo medo de Mary e pela minha insegurança, ou talvez pela insegurança dela e pelo meu medo.

Até o momento em que Mary, que sempre teve mais atitude, se cansou daquele papinho besta e foi até a cozinha.

Eu na hora não percebi, mas ela já pensava em fazer algo.

Acendeu um cigarro e ficou de longe ouvindo a história que eu contava e para a qual agora vejo que ela pouco deu ouvidos, mas que preenchia o silêncio e lhe dava suficiente espaço pra pensar um pouco.

Terminado o cigarro, sem nem ouvir o que eu dizia, veio em minha direção, sentou-se bem ao meu lado e perguntou baixinho e sorrindo com seus olhos encantadores:

– Posso te dar um beijo?

Talvez esse tenha sido o único momento verdadeiro da noite.

Fui pego de surpresa, não tive tempo para cálculo, nem pra me proteger e nem para decidir se aceitava ou não.

Abri um sorriso e consenti.

Nesse momento, éramos novamente Mary e Ivan.

Nos beijamos com calma.

O beijo encaixou.

Foi suave...

Gostoso...

Molhado...

Calmo...

Pausa.

E agora?

Alguém me manda o script de novo?

Aproveitei a vontade de precisar ir ao banheiro para poder pensar.

Mary fez o mesmo.

Não tenho a menor ideia do que decidimos os dois cada um no seu banheiro.

Mas quando voltei pra sala, ela estava de costas, enchendo sua taça de vinho...

A partir daqui guardo a privacidade da noite pra gente.

Mas pra não deixar o leitor no vácuo, coloco abaixo a poesia que mandei para Mary que pode bem ser o que aconteceu naquela noite, ou não, deixo ao leitor decidir.

Um dedo meu toca suas costas entre suas asas, minha mão se espalha para seus ombros e seu pescoço, liso e sensual, toco seus ombros e sinto seus músculos.

Desço com minhas mãos dos ombros aos cotovelos e puxo você para mim, de costas, você vulnerável.

Eu, cheio de desejo.

Sinto seu cheiro, mordo seu cheiro no ombro.

Acaricio o ar que se desprende de tuas costas.

com meus lábios, a um milímetro da sua pele.

O calor emana de você e não tocando, lhe toco.

Meus olhos cerrados, vendo seus entornos e contornos, vendo cores dentro de você.

Rumos para dentro do seu ser.

Penetro com meu bafo os pelinhos nas suas costas e assopro.

Caminho à sua bunda; maravilhosa, apetitosa, formosuda, tesuda.

Seguindo a trilha de pelos delicados descendo suas costas, como a crina de uma potranca angelical.

Minha respiração suscita arrepios e vejo a pele da sua bundinha em calafrios, detalhando a linha, minha preferida, da curva cativante que avistei um dia no Guarujá;

Que revisei muitas vezes e que inspira tesão sem fim.

E então, não resisto, finalmente pousando delicadamente a ponta da língua nas saboneteiras do seu quadril, descendo então para as partes fofas, nádegas luxuosas.

Enterrando minha cara nesse luxo, agarrando com minhas mãos, sem sutileza as laterais da sua bunda, para lhe puxar para mim.

E então minha língua passa de leve do cuzinho para sua gruta, já encharcada de desejo, e penso, sem falar, "Mary, como você agora, ou depois?"

Meu intumescimento estourando veias, deixando meu pau doendo de desejo, minha cabeça latejante, meu coração a mil.

O som da sua voz, gemidos, como música para meus ouvidos.

Suas pernas, um colírio para meus olhos.

E agora, girando você para ficar de cara com a Mary, enterrando minha cara nela e sentindo o bouquet e o calor e a umidade em fogo.

Vou subindo, não, descendo para beijar coxas lisas e torneadas.

Descendo para beijar seus tornozelos e pés.

Adorando a deusa, honrando e pagando tributo a cada centímetro, antes de subir rumo aos seus seios, paro no caminho, esse umbigo, essa barriga sensual.

Minha face encostando no seu peito para ouvir a batida do seu coração.

Minha língua desenhando o contorno dos bicos deliciosos.

Seus seios, um lindo par de delicados travesseiros me deixando louco.

E seu pescoço me chama, onde vou parar?

Beijo molhado, quero chupar o cangote até deixar marcas, mas me controlo para não danificar num ato vampiresco sua paz, sua pele divina...

Mordendo de leve subo e no seu ouvido falo coisas, besteiras, sacanagens.

Esperando não quebrar o momento, mas querendo falar tudo, sem medo...

A sua boca, que boca!

Quero ouvir você falar muita merda, mas calo você com beijo após beijo.

Quero varar sua noite, te levantar e comer você de pé, ou em cima do balcão ou da mesa, ou no chão, mas talvez no sofá, depois a rolar no tapete a caminho da cama.

A seguir na cozinha, na janela, urrando para a lua.

Começando e parando, sempre aguentando e resistindo o desejo do gozo.

Para que continue, sem parar, até não aguentar mais, e quem sabe, então parar e descansar, tomar um gole e começar de novo.

De quatro, de frente, por trás, pedindo que você rebole, tapinhas de amor nas suas nádegas.

E elas balançam, e o rebolado me leva além de qualquer controle.

Gozo? não gozo? paro? continuo?

aaaaahhhhhh....

.....

Acho que morri e fui para o céu, mas rezo para que não, para que eu esteja aqui para a repetida.

seu,

Ivan

Um quarto

